

A desvalorização e a renovação da educação¹

THE DEVALUATION AND RENEWAL OF EDUCATION

LA DEVALUACIÓN Y RENOVACIÓN DE LA EDUCACIÓN

Elcio Alcione Cordeiro

Universidade de Passo Fundo - UPF
elcioacordeiro87@gmail.com²

Angelo Vandiney Cordeiro

ETEVI - Escola Técnica do Vale do Itajaí
cordeiroav@gmail.com³

Resumo

Neste artigo nos propomos a problematizar e entender o processo histórico que desencadeou transformações significativas dos principais sujeitos-agentes do campo educacional. O objetivo da investigação qualitativa de cunho bibliográfico é compreender como historicamente ocorreu o movimento que transformou a identidade do professor e da escola, levando-a a uma crise, e, a partir disso, pensar sua possível reestruturação. Os autores estudados propõem uma discussão voltada para a compreensão da historicidade da educação escolar formal, bem como o entendimento da escola e da figura do professor no que se refere às profundas transformações sofridas por ambos e à crise em que se encontram. O professor surge com a própria escola, caracterizado, a princípio, como fonte do conhecimento, do saber e da disciplina, mas, ao longo da história, viu desmoronar esses pilares, o que deu espaço à incerteza e à desvalorização da própria profissão, perante si mesmo e a sociedade. Dada essa realidade, apontam-se as possíveis saídas de tal situação preocupante. Demonstra-se, assim, ser necessária uma renovação-reinvenção da área educacional, em específico da escola, da universidade e da formação docente. Palavras chave: professor; educação; crise de identidade; renovação.

Abstract

In this article we propose to problematize and understand the historical process that triggered significant transformations of the main subject-agents in the educational field. The objective of this qualitative bibliographical research is to understand how the movement that transformed and led to an identity crisis of the teacher and the school occurred historically and, from there, think about its possible restructuring. The authors studied propose a discussion aimed at understanding the historicity of formal school education, as well as understanding the school and the role of the teacher regarding the profound transformations suffered by both and the crisis in which they find themselves. The teacher appears with the school itself, characterized in principle as a source of knowledge, knowledge and discipline,

¹ Este artigo é uma atualização e desenvolvimento com mais conteúdo, autores e pesquisas do artigo original intitulado: Entendendo a Crise da Profissão Professor, entregue a Universidade Candido Mendes, como Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, em 2015, no curso de Pós-Graduação *Latu Sensu* em Metodologia do Ensino de Filosofia e Sociologia, sob a autoria de Elcio Alcione Cordeiro.

² Discente doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Passo Fundo - UPF. Bolsista do Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições Comunitárias de Educação Superior – PROSUC-II/CAPES. Email: 191732@upf.br

³ Mestre em Educação pela Universidade Regional de Blumenau – FURB. Email: cordeiro.av@gmail.com

but throughout history, it has seen these pillars crumble, which has given rise to uncertainty and the devaluation of the profession itself, in face of self and society. Given this reality, possible solutions to this worrying situation are highlighted. Therefore, a renewal-reinvention of the educational area is necessary, specifically the school, university and teacher training.

Keywords: *teacher; education; identity crisis; renovation.*

Resumen

En este artículo, nos proponemos problematizar y comprender el proceso que desencadenó transformaciones significativas de los principales sujetos-agentes en el campo educativo. El objetivo de la investigación bibliográfica es comprender cómo se produjo históricamente el movimiento que transformó y condujo a una crisis de identidad del docente y de la escuela y, a partir de allí, pensar en su posible reestructuración. Los autores estudiados proponen una discusión encaminada a comprender la historicidad de la educación escolar formal, así como a comprender la escuela y el papel del docente, que sufrieron profundas transformaciones y entraron en crisis. El maestro aparece con la propia escuela, catalogado en principio como fuente de conocimiento, de saber y de disciplina, pero a lo largo de la historia ha visto desmoronarse estos pilares, dando paso a la incertidumbre y la devaluación de su propia profesión, ante sí mismo y ante la sociedad. Ante esta realidad, se destacan posibles soluciones a esta preocupante situación. Por tanto, es necesaria una renovación-reinvención del ámbito educativo, específicamente de la escuela, la universidad y la formación del profesorado.

Palabras clave: *docente; educación; crisis de identidad; renovación.*

Introdução

Pensar sobre a educação requer reflexões sobre os agentes que estão diretamente ligados a ela. O objetivo do presente trabalho é compreender como historicamente ocorreu essa crise de identidade dos professores e da educação escolar de modo geral e esboçar possíveis vias de renovação. A metodologia é qualitativa, o método de pesquisa fundamenta-se na discussão bibliográfica, de autores como, Jacques Rancière, Rui Canário, Julia Varela, António Nóvoa, Kant, dentre outros.

Perceber-se-á pelos textos discutidos nesse trabalho, que o professor, inicialmente teve um papel de destaque e reconhecimento na escola, bem como, na sociedade. O professor a princípio, era de modo geral uma figura com status, sobre ele recaia o papel de liderança e portador do próprio conhecimento e da moral social.

Com o passar do tempo e das transformações no mundo do trabalho, a profissão de professor foi se transformando em uma atividade próxima das outras tantas profissões, assim, aquela “aura” de autoridade e centralidade do mestre foi se perdendo, e a própria educação sofreu impactos profundos, na medida em que as transformações sociais afetaram os modelos tradicionais, que tinham o professor como figura de destaque.

Cientes deste cenário histórico de diluição do modelo centrado no *status quo* do professor, nos propomos a pensar também algumas possibilidades de renovação e transformação, com vistas a perceber as mudanças e as exigências da atualidade para toda a educação escolar.

Aspectos históricos

a história denota e conserva em si o “espelho” do que se fez, é importante revisita-la para compreender os passos que nos trouxeram até o século XXI. As raízes de todas as transformações, progressos e retrocessos estão cravados na história e são passíveis de conhecimento, bem como de interpretação. Sob o olhar da história revisita-se alguns pontos fundantes da profissão professor que nos darão sustentáculo para o desenvolvimento da reflexão. Embora o objetivo central não seja demarcar a historicidade dos temas, faz-se necessário destacar alguns momentos históricos que marcaram a educação brasileira e global.

Na aurora da educação formal brasileira a partir do século XVI, além de transformar crianças em alunos, foi necessário construir a figura do mestre, “é preciso assinalar que a constituição da infância e a formação de profissionais dedicados à sua educação são as duas faces da mesma moeda” (Varela; Alvarez-Uria, 1992, p. 79). Sendo assim, é preciso entender a historicidade dos profissionais ligados a educação escolar, para compreender as transformações que colocam os professores “no olho do furacão” (Canário, 2006).

Historicamente, foi a partir da Igreja Católica que surgiu o modelo de mestre na educação formal, pois com o surgimento dos colégios e da Companhia de Jesus - Jesuítas⁴, nasceu a preocupação com a figura do professor, o qual deve ser entendido como um modelo de virtude, visto como portador de “saberes codificados acerca de como resultar mais eficaz a ação educativa” (Varela; Alvarez-Uria, 1992, p. 79). Existiu aí uma extensão religiosa para a educação, a mística dos padres e líderes religiosos adentrou no campo escolar, mas com um significado semelhante da liderança espiritual, na transcendência, no sagrado que se reveste o mestre, porém, aos poucos foi sendo direcionado as suas práticas educativas como sendo,

Vigilância amorosa, uma direção espiritual atenta, uma organização cuidada do espaço e do tempo, uma séria programação dos conteúdos e uma aplicação de métodos de ensino que, além de manter os alunos dentro dos limites corretos, os estimulem ao estudo e a se converterem em cavalheiros católicos perfeitos (Varela; Alvarez-Uria, 1992, p. 79).

Além de transmitir o conhecimento, o professor também deveria ser o transmissor da moralidade, a qual os alunos deveriam estar inseridos, sabendo por exemplo que tipos de conhecimentos cada classe deveria aprender, pois a educação escolar estava direcionada para dar continuidade e contribuir para a manutenção das desigualdades sociais, e os professores estavam cientes deste papel, de mostrar onde, como e para que, cada um deveria ser educado⁵.

Juntamente com os Jesuítas, figuravam os escolápios⁶, padres que se dedicavam ao ensino de meninos pobres, que aos poucos também foram se infiltrando na educação de outras camadas sociais, sob a alegação de que todos são filhos de Deus.

4 Mais informações a respeito da Companhia de Jesus podem-se encontrar em: <https://jesuitasbrasil.org.br/>

5 “Havia uma divisão clara de ensino: as aulas lecionadas para os índios ocorriam em escolas improvisadas, construídas pelos próprios indígenas, nas chamadas missões; já os filhos dos colonos recebiam o conhecimento nos colégios, locais mais estruturados por conta do investimento mais pesado” (Azevedo, 2018).

6 Mais informações sobre a respeito dos Escolápios pode-se encontrar em: <https://www.escolapiosbrasil.com.br/>

Eles se diferenciavam dos Jesuítas em alguns pontos, como no disciplinamento por exemplo, por serem mais severos.

Nesta perspectiva, o professor era visto como modelo, detentor do conhecimento e conhecedor do que era bom e correto para seus alunos, sobre ele a educação se fazia, a disciplina e o aprendizado estavam sob a égide do mestre, bem como o status deste profissional era prestigiado, reconhecido e respeitado pela sociedade, ele era o especialista do conhecimento e conhecia a forma de transmiti-lo, ele tinha autoridade e “entendia” de educação, o que denota uma educação centrada no professor.

Pode-se observar na regra três, intitulada “Regras comuns a todos os professores das faculdades superiores” do Método Pedagógico dos Jesuítas “Ratio Studiorum”: “O fim especial do Professor, tanto nas aulas quando se oferecer a ocasião, como fora delas, será mover os seus ouvintes ao serviço e ao amor de Deus e ao exercício das virtudes que lhe são agradáveis, e alcançar que para este objetivo orientem todos os seus estudos” (Franca, 1952, p. 15). Portanto, ser professor neste alvorecer escolar significava o centro da educação e suas implicações, nele e com ele estava o saber e a verdade, isso os alunos deveriam reconhecer nele.

A partir do século XIX, com as mudanças sociais e políticas, começaram a surgir escolas como a Normal de Madri e a Real Ordem (Varela; Alvarez-Uria, 1992, p. 81). Nestas outras formas de escola, surgiram também distintos modos de ser professor, assim, o espanhol Gil Zárate, em 1843, “elabora um regulamento uniforme para todas elas em cujo preâmbulo destaca a enorme importância do caráter educativo das disciplinas a que devem se submeter os professores” (Varela; Alvarez-Uria, 1992, p. 81). Neste momento ocorre uma preocupação em modelar a figura do professor, mas para isso era preciso exercitar-se, esforçar-se para exercer o ofício dentro do esperado. Desse modo,

Os aprendizes de professor sofrerão um processo intensivo de transformação e vigilância de forma que sua vida privada se imole no altar de sua futura entrada e abnegação à vida pública. Este policiamento do magistério foi tão eficaz que não faltaram as depurações dos indóceis e dos sonhadores (Varela; Alvarez-Uria, 1992, p. 82).

A preocupação desta época também está sobre o professor, pois ele era o formador dos cidadãos esperados e aprovados pelas condições sociais e, o mesmo não poderia abnegar-se desta função.

A escola desde sua fundação tem um papel social, essa tarefa perpassa pelas atitudes dos professores e no decorrer do século XIX, sua formação deveria coincidir com as preocupações sociais, em infundir nos cidadãos “a ideia de pátria e unidade” (Varela; Alvarez-Uria, 1992, p. 82). Ou seja, o Estado necessitava da educação escolar para ter bons cidadãos, e o professor seria esta ponte entre a sociedade docilizada e as exigências legais do governo, ou trabalhadores para o exercício disciplinado nas fábricas.

A história da escola é conhecida. Na longa duração do tempo, sobretudo a partir do século XVI, foram-se estabelecendo processos e modos de organização que ganharam forma, definitivamente, na segunda metade do século XIX. Consagra-se, então, o princípio da escolaridade obrigatória e consolidam-se os grandes sistemas de ensino, em três ciclos principais: o primário, o secundário e o terciário (superior). Precisamente no mesmo período, consolida-se um modelo escolar que, nos seus traços fundamentais, chega até os nossos dias (Nóvoa, 2022, p. 10).

Com o estabelecimento de um modelo de educação que visava ampliar a escola para um número cada vez maior de pessoas, o professor passa a ter outras atribuições, além do ensino ao qual ele está sujeito, terá o trabalho de “inculcar estereótipos e valores morais em oposição aberta às formas de vida das classes populares, e sobretudo impor-lhes hábitos de limpeza, regularidade, postura, obediência, respeito a autoridade, amor ao trabalho e espírito de poupança” (Varela; Alvarez-Uria, 1992, p. 82). Esse é um modelo de professor, passa por ele a tarefa de ordenar, pois é preciso valorizar os princípios de trabalho, necessário para conservação e crescimento da industrialização em pleno desenvolvimento na maioria dos países europeus.

A escola servia como um princípio de ordenamento disciplinar, e o professor seria o encarregado de incluir na formação das crianças pré-requisitos utilizados no trabalho, na linha de montagem das empresas.

Nesta passagem de colégios ligados às ordens religiosas, fundamentalmente ordenado pela Igreja Católica, para escolas normais para todos, sob a organização do Estado, o papel e a figura do professor sofrem transformações significativas, porém o sentido de “sacerdócio” ainda prevalece,

Será investido de autoridade, dignidade e respeito, falsas imagens às quais deverá se adequar não sem dificuldades. E para que cumpra melhor suas funções, ou para o caso de rejeitar abertamente o modelo, haverá inspetores que se encarregarão de recordar-lhe as pautas corretas a que tem que ajustar-se, e de penalizá-lo no caso de que ele as infrinja (Varela; Alvarez-Uria, 1992, p. 83).

Importante perceber que o professor, em todos os modelos históricos, foi essa figura que serviu de legitimador da ordem social, através da detenção de disciplinas e saberes necessários, para a vida fora e dentro da escola.

Do século XIX para o século XX, mais precisamente a partir de 1960, denomina-se “crise mundial da educação” (Canário, 2006). Se a educação reconhece uma crise, é preciso entender também o papel do professor, e compreender que esta profissão igualmente está enfrentando problemas, pois “no epicentro desta crise estão, naturalmente, os professores, que durante este período viram abalados alguns dos fundamentos da sua identidade profissional” (Canário, 2006. p. 11). Que fundamentos seriam esses? Rui Canário (2006, p.21) elege alguns:

Em primeiro lugar, assistimos, hoje, à queda de algumas das crenças fundadoras dos sistemas escolares e, nos últimos 30 anos, o desencanto em relação à escola teve uma repercussão negativa no modo como é socialmente vista a profissão do professor. Em segundo, a escolarização massiva e o conseqüente crescimento exponencial do número de professores conduziu a desvalorização do seu estatuto profissional. Em terceiro, a emergência de novas formas de regulação, aos diferentes níveis dos sistemas escolares, e de divisão do trabalho, nos estabelecimentos de ensino, traduziu-se em uma “proletarização” tendencial do ofício do professor, de quem escapa o controle sobre o exercício de seu próprio trabalho. Finalmente, a escola passou (com a democratização do acesso e a conseqüente heterogeneidade dos públicos escolares) a ser “invadida” pelos problemas sociais que antes lhe eram exteriores, apresentando aos professores novos problemas cuja solução não é fácil.

Todas estas mudanças dentro da instituição escolar e fora dela, recaem sobre o trabalho do professor. O ofício que antes era desempenhado com o aval e apoio da família, sendo a escola certa extensão de casa, não no sentido de aprendizagem, mas no que tange a disciplina e a hierarquia, seguida em casa pelo pai e revestida no professor, na escola não se questionava.

Com as mudanças provenientes de um discurso e obrigatoriedade de escola para todos, ela passou a receber a diversidade de educandos, provenientes de todas as classes sociais, advindos das mais diferentes concepções de vida, juntando-se na mesma sala, para aprender os mesmos conteúdos, com o mesmo professor, em um único tempo, com igual disciplina.

Na trama destas mutações sociais, culturais, econômicas e políticas está o professor, que com a crise da família, e a pouca interferência das religiões visualizada na figura dos sacerdotes, precisa ser polivalente, sobrou tudo para a escola, e ela não está dando conta de tantas obrigações, porém faz o seu papel de homogeneizar e igualar as diferenças, mesmo que muitas vezes acaba por desqualificar as vivências e os conhecimentos que cada aluno carrega consigo.

Os professores viram aos poucos definhar os modelos escolares disciplinados, atentos, onde o silêncio reinante deu lugar a ruídos intermináveis, falta de concentração e conseqüentemente desvalorização do status do professor. Status este não só de uma profissão exemplar, respeitada, mas também de cunho econômico, esta tarefa dita nobre se confunde com decadência. Importante apresentar o seguinte questionamento: Se a profissão é nobre por que se valoriza tão pouco?

Sendo a educação formal uma invenção histórica, ela sofre mudanças conforme as transformações sociais, deste modo, a evolução dos processos políticos, econômicos, tecnológicos e culturais exigem da escola algumas metamorfoses. Nas palavras de Canário (2006), a escola já foi lugar de certezas, passou para promessas e chegou a um espaço de incertezas, tudo isso dentro de um tempo e na contemporaneidade. Estamos envolvidos grandemente pelas incertezas, e os professores continuam ensinando certezas, embasados na cultura escolar petrificada no império da verdade, da qual são anunciadores.

A crise de identidade da escola e dos professores é impactante na contemporaneidade, como também não cessam as pesquisas que relatam a diminuição constante de interesse a profissão⁷. Não é difícil reconhecer na trajetória professoral as nuances desta “crise de identidade”, o professor tem uma tendência a naturalizar o ensino, a explicação, a palavra, ou seja, ele acostumou a ser o centro onde tudo gira ao seu redor. Porém, essa concepção vem sendo ao longo do tempo impactada e discutida, por pesquisadores ligados a educação, se a educação é centrada no professor ou no aluno, a “cultura escolar” se pronuncia sempre nas falas dos professores, mesmo sendo facilitador, reflexivo ou mediador.

Naturalizou-se a ideia de professor explicador, detentor do conhecimento, muito bem discutido por Rancière na obra *O mestre ignorante* (2007), na qual o autor disponibiliza a discussão de ensinar o que não sabe, de igualar-se e não ser um explicador e fonte de saber, pois quem explica não só diz a verdade pela retórica, mas também precisa fazer o outro reconhecer que sem o mestre não é capaz, cria-se distanciamentos entre o dizer e o absorver, onde está a verdade e o saber que dirige a palavra

⁷ A respeito disso, pode-se encontrar uma reportagem que trabalha essa questão, disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2022/09/29/brasil-pode-enfrentar-apagao-de-professores-em-2040-diz-pesquisa.ghtml>. Acesso em: 9 ago. 2023.

aos que não sabem, estes precisam reconhecer na explicação a fonte e a possibilidade de assimilar o conhecimento.

Esse modelo educacional centrado na pessoa do professor fonte do saber, aos poucos foi desmoronando sem que os mestres se dessem conta, pois a informação através da evolução tecnológica da comunicação está cada vez mais disponível, e o professor não é mais a única fonte de conhecimento. Porém, ainda ocorre a tentativa tradicional de repassar conteúdos prontos, o que Paulo Freire chamou de “Educação Bancária”, decorar fórmulas, fazer testes avaliativos, sem a real compreensão e significação da formação escolar para a vida.

Neste sentido, reflete Nóvoa (2022, p.18):

Durante muito tempo a escola foi considerada como um período de preparação para a vida. Depois, nos primórdios do século XX, autores como John Dewey explicaram que a escola é a própria vida. Hoje, provocatoriamente, gostaria de sugerir que a escola tem de ser mais do que a vida, isto é, mais do que a vida culturalmente limitada de muitas crianças e jovens.

O cenário que se desvela a partir do século XX e início do XXI, é desafiador, e ao mesmo tempo incerto no que tange a escola e o professor, ele está revestido de outras subjetividades, por isso a urgência de repensar o seu próprio modo de trabalhar.

O panorama atual é imprevisível, as mudanças sociais e humanas, em sua grande maioria alavancadas pela revolução digital trouxeram em seu arcabouço novos desafios.

A sociedade contemporânea vive um estágio novo, uma nova época marcada pela transitoriedade, globalidade e imprevisibilidade dos eventos. [...]. É o século da ciência, do conhecimento, da tecnologia da informação e da comunicação, da globalização, da competitividade de mercado – um tempo de rápidas inovações em todos os campos das organizações humanas (Paiva; Sponchiado, 2011, p. 172).

A educação necessita de um olhar atento ao formador, ao professor. Este personagem que forma a maioria das profissões necessita ser formado, pois todo professor um dia foi estudante, e oxalá: Que continue o sendo!

Não há receita pronta! O que se pode estabelecer são propostas fundantes que soam como esperança de um novo paradigma formativo ao professor, que seja apto a responder as indagações e problemas dos tempos atuais. “Ainda é possível um gesto de sobrevivência, de transformação, de metamorfose da escola” (Nóvoa, 2022, p. 14).

Este direcionamento é desenvolvido de maneira incidente por António Nóvoa, professor universitário de Portugal, que tem se debruçado sobre pesquisas e reflexões sobre a formação do professor, destacando que a educação deve ser pensada no sentido do bem comum. A escola como ao modelo do século XIX parece não responder mais aos questionamentos atuais. É preciso uma transformação, os alunos deste século requerem uma educação que contemple esta realidade. A escola necessita passar por uma metamorfose, uma mudança substancial.

A partir daquilo que temos no chão de nossas escolas, das experiências já vivenciadas, renovar o modo de fazer educação. “Tudo surgirá de iniciativas locais, cada uma a seu ritmo e no seu momento, fruto do envolvimento de professores e da

sociedade” (Nóvoa, 2022, p. 14). A cooperação entre todos será imprescindível para a mudança escolar e uma constante renovação da mentalidade educacional.

Enfim, já no final do século XX o modelo clássico escolar apresentava sinais de desgaste e fragilidades. No início do século XXI a pandemia da Covid-19 acelerou um processo de mudança, foi um ponto histórico de mutação de paradigma. As práticas usadas durante o período de isolamento social, causado pela pandemia da Covid-19, como aulas online, diferentes modos de avaliação, horários readequados, materiais de ensino virtual, responderam a uma emergência, alguns pontos ficarão, entretanto, o cerne da educação não se realiza sem a presença física.

Repensar os espaços educativos

após essa abordagem histórica, é importante pensar na estrutura organizacional da escola. A arquitetônica da escola, a qual abarca várias maneiras de ser e formar, assim como compreende Antonio Nóvoa:

Diversificação dos espaços e dos tempos, dos currículos e das formas de avaliação, do papel dos professores, do enquadramento dos professores... o fundamental é a criação de novos ambientes de aprendizagem, que permitam o estudo individual e o trabalho de grupo, o acompanhamento pelos professores e projetos de investigação, trabalho presencial e através do digital (Nóvoa, 2022, p. 28).

Nesta forma de pensar existe a necessidade de repensar o espaço educativo. A aula deve ser ampliada além da sala “entre quatro paredes” em uma junção perfeita entre aluno e professor que trabalharão juntos em busca do conhecimento. A aula em si deve ser expandida a uma dimensão extraterritorial:

Compreender a aula como espaço e tempo de aprendizagem por parte do aluno modifica completamente esse quadro. Com efeito, a sala de aula é o espaço e tempo durante o qual os sujeitos de um processo de aprendizagem (professor e alunos) se encontram para, juntos, realizarem uma série de ações (na verdade, interações), como estudar, ler, discutir e debater, ouvir o professor, consultar e trabalhar, participar de conferências de especialistas, entrevistá-los, fazer perguntas, solucionar dúvidas, orientar trabalhos de investigação e pesquisa, desenvolver diferentes formas de expressão e comunicação, realizar oficinas e trabalhos de campo (Masetto, 2005, p. 89).

A escola não vai desaparecer, a universidade não vai sucumbir, muito menos a profissão professor, porém é inevitável uma metamorfose na educação. Resignificar a escola, a universidade e a formação do professor são prioridades urgentes neste século XXI. A partir da realidade que permanece e se transforma, a educação precisa se empenhar para viabilizar novas formas de existir criando outras possibilidades de formar.

Com o advento da internet no final do século XX e sua evolução permanente no século XXI, não é possível pensar a educação sem a presença da virtualidade. A educação precisa pensar metodologias que usem os avanços tecnológicos como meios e ferramentas para o conhecimento. As tecnologias são importantes e devem estar entre as primeiras ferramentas. Entretanto, “Uma educação baseada só no

conhecimento técnico e científico não capacita o ser humano para o cultivo de si e para a convivência solidária e democrática com o outro” (Dalbosco, 2021, p. 173). Por isso, a necessidade de atualização e vigilância ininterrupta aos meios tecnológicos atuais soa como nova forma de existir.

O esforço comum entre toda a comunidade educativa fará com que as instituições de ensino evoluam. “A educação implica sempre uma intencionalidade, obriga a um esforço de construção, de criação e de composição das condições, dos ambientes e dos processos propícios ao estudo e ao trabalho dos alunos” (Nóvoa, 2022, p. 37). A educação é coletiva e se faz no meio comunitário.

O futuro deve ser criado pelos próprios sujeitos da educação, os professores, alunos, comunidade escolar. Sem apressar, na paciência do tempo construir o novo que brota do que já se tem. Não se trata de acabar com a escola, mas de repensá-la, ela é o local adequado para aprender. Um ambiente que se faz entre diferentes, é um lugar de muitos, um bem público, um espaço comum de aprendizagem.

Para levantar este espaço público comum da educação são necessários construtores. Precisamos de professores que assumam plenamente esta missão. São eles que, em proximidade com as famílias, os poderes locais, as entidades públicas e privadas, podem construir as condições para uma capilaridade educativa baseada no comum e na convivialidade (Nóvoa, 2022, p. 42).

Seguindo o pensamento de Nóvoa (2022), a capilaridade educativa, é algo a ser pensado, representa a distribuição da educação por diferentes espaços e tempos. Nesse sentido, a ideia é buscar com ênfase a participação social, repensar o movimento da sociedade em vista da educação.

Precisamos de uma metamorfose da escola, de uma transformação da sua forma. O mais importante é construir ambientes escolares propícios ao estudo e ao trabalho em conjunto. Aprender não é um ato individual, precisa dos outros. A autoeducação é importante, mas não chega. O que sabemos depende, em grande parte, do que os outros sabem. É na relação e na interdependência que se constrói a educação (Nóvoa, 2022, p. 44).

Os espaços escolares precisam e necessitam de maior cuidado, sua arquitetura com abertura dialógica e democrática devem conter ambientes que possibilitem múltiplas formas de interação. É inevitável pensar que se está a formar um ser humano, dentro das relações humanas forma-se pessoas humanas.

Portanto, é importante renovar o cuidado com o espaço público da educação, com novas estruturas e formas de interação e engajamento da comunidade escolar. O espaço educativo é o lugar do encontro e da diversidade. Pensar e problematizar a educação pública, com ênfase a educação comunitária e cooperativa, a troca de experiências e o diálogo a partir do encontro é uma saída genial para aperfeiçoar o lugar onde se molda a alma dos sujeitos. Esse propósito está fundamentalmente ligado ao Professor, ele representa o ponto crucial da mudança, é viável pensar sua profissão como uma “virada de chave” no processo educacional.

Repensar a profissão professor

perante tal contexto explicitado, o que a escola na figura do professor pode oferecer de atrativo, que valorize a capacidade inventiva, criativa e dinâmica que está localizada a vida dos educandos? Como ser professor nesta trama social? Ensinar? Aprender? Como organizar a vida escolar para que ela seja pensada positivamente e necessária para os seres humanos de hoje? Como pensar a formação do próprio professor nessa transformação da educação? São inúmeros os questionamentos que podem servir de balizas para nossa ação em favor da educação.

O professor precisa reconhecer este mundo em fluxo constante e pensar na prática educacional como continuidade, apesar da dispersão e incerteza. A sociedade em transformação não é mais compatível com a escola, e a sala que era o local de segurança do professor detentor do conhecimento, passou a ser um pesadelo para ele e para os próprios alunos que não se identificam com ela, nem se espelham na figura do mestre.

Como afirma Maria Teresa Nidelcoff (2004, p. 24),

Efetivamente poucas instituições são e tem sido tão criticada em nossa época como a escola, do ponto de vista de seus métodos e, ultimamente, frente a realidade do fracasso escolar. Do mesmo modo, poucos profissionais têm recebido tantas críticas como nossos - professores de ensino primário e médio. Deixamos de ser considerados “apóstolos” e figuras paternais ou maternais para nos convertermos em pessoas que parecem fazer tudo errado.

O modelo de virtude, o vocacionado e o apóstolo, não existem mais, se entendermos estas mudanças pode-se pensar na existência do professor como uma profissão como todas as outras, mas o que faz desta profissão docente ser especial e imprescindível? Ela é a mãe de todas as demais profissões, ou existe alguém que nunca precisou de um mestre? Entretanto, além de perder o status e reconhecimento, o ofício do professor vem sofrendo críticas, vêm sendo inferiorizado⁸ perante os discursos sociais, e esses discursos adentram aos espaços escolares e influenciam na relação entre professores e estudantes.

Da calma da sala de aula, advinda da autoridade do professor legitimada pela escola e sociedade, vislumbramos em nossos dias um desinteresse generalizado, onde o professor só é ouvido depois de muita insistência perante seus alunos. Daí brota muitos questionamentos, como reflete Dalbosco (2021, p. 178): “como tornar a sala de aula presencial um ambiente pedagógico formativo, isto é, como espaço recíproco de ensino e aprendizagem, onde professor e aluno ensinam e aprendem simultaneamente”.

Dessa relação de conflito que se estabeleceu nos centros escolares, surge a figura do professor estressado, desgastado, depressivo, esgotado, ele se vê sugado pela avalanche de falas e da própria insignificância com a qual aprende a conviver perante seus próprios alunos. Não é só o trabalho que é negativo e desgastante, mas a própria valorização do professor, que viu seu salário emagrecer, seus direitos sucumbirem.

⁸ Exemplo dessa desvalorização pode-se encontrar nesta reportagem: <https://veja.abril.com.br/coluna/matheus-leitao/o-recado-absurdo-de-eduardo-bolsonaro-para-os-professores> Acesso em: 9 ago. 2023.

Esta profissão, como outras, virou uma mera mercadoria, onde a clientela também é levada pela lógica da mercantilização, do consumo, sendo assim, é comprável e descartável. “Ao curvar-se à lógica mercadológica baseado exclusivamente na competição lucrativa, a educação não questiona mais sobre as coisas que são centrais ao fortalecimento da democracia e, o que é ainda pior, abandona o caminho que conduz à formação democrática das novas gerações” (Dalbosco, 2021, p. 162). Essa lógica não é aceitável na existência profissional dos professores, não há como se acostumar a ser uma mercadoria barata, por ter bastante oferta e qualidade limitada. É dos professores que devem partir as mais diversas iniciativas para esta mudança de cenário.

Diante deste ambiente conturbado e desgastante da profissão professor, alguns teóricos da educação propõem a renovação. Um deles, Rui Canário, sugere a reinvenção e a recriação do ofício do professor, em sua reflexão aponta quatro elementos para esse novo modo de ser professor, “o professor entendido como um analista simbólico, artesão, um profissional de relações e um construtor de sentidos” (Canário, 2006, p. 22).

Um ser simbólico é aquele que não precisa dar respostas prontas, que investe nas incertezas as quais estão em sintonia com esse mundo tecnológico. O artesão é um constante construtor, não se acomoda com o mesmo, está sempre se reinventando. O profissional de relações, é humano, investe no ser, no que é, na existência compartilhada pelas pessoas em suas vivências. O construtor de sentidos, mostra a possibilidade da compatibilidade e da valorização da educação para a vida de todos que estão envolvidos com ela.

Nesta reinvenção do ofício do professor, é preciso também entender que a escola fechada em si mesma, precisa abrir-se e reconhecer a importância dos conhecimentos apresentados pelos alunos, uma construção do conhecimento em sintonia com o todo é de grande importância para a emergência de novos modos de pensar a relação professor e seu trabalho. A predisposição ao diálogo é o início da transformação.

No mesmo sentido, pode-se tomar a reflexão de Marcos Masetto: “Pretendemos formar um profissional não apenas competente, mas também compromissado com a sociedade em que vive, buscando meios de colaborar com a melhoria da qualidade de vida de seus membros, formar um profissional competente e cidadão” (Masetto, 2005, p. 83). Nesta direção o professor precisa estar ciente do mundo em que vive, e tentar entender também em que mundo seus alunos estão inseridos, se isso não acontecer, continuaremos a aumentar a distância entre o professor e os alunos. A aula ministrada pelo professor sem pensar nas condições existenciais dos alunos, pode ser boa e atraente para ele mesmo, menos para os alunos. O conhecimento construído em sintonia com a realidade de todos os envolvidos com a escola, pode melhorar o trabalho e a valorização do professor. Sobre isso, da mesma forma, Paiva e Sponchiado (2011, p. 172) afirmam:

Seja na ecologia da classe ou em outros espaços socioeducativos, o professor é considerado um profissional do saber, um mediador de múltiplos e diversificados conhecimentos, presença imprescindível na gestão dos processos de ensino e aprendizagem compreendidos na extensão de sua multidimensionalidade e permanente elaboração de sentidos e significados.

O professor deve ser o principal autor de sua auto reinvenção, é seu dever buscar em sua criatividade novas formas de mediar o conhecimento. Inserir-se no mundo da pesquisa e da atualização, buscando o que de mais avançado se tem no mundo do conhecimento. Como diria Rubem Alves, a tarefa do professor é provocar admiração e espanto nas crianças. Ele deve ser visto como um provocador, um criador de gostos, mas para isso ser possível é preciso haver sintonia entre as partes, e não o distanciamento entre quem sabe e quem precisa aprender.

O professor, seja da educação infantil, fundamental, médio ou de ensino superior, teve seus mestres, sua formação, ou seja, ele é resultado do trabalho coletivo de muitos professores. Um professor forma muitas profissões, entre as quais o próprio professor. Logo, é viável e faz-se urgente pensar a formação dos novos professores. Assim como afirmou Immanuel Kant (2008, p. 62), trata-se de realizar “a saída do homem de sua minoridade, da qual ele próprio é culpado. A minoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo”. Ir além, desafiar-se, pensar de maneira independente. Para responder aos desafios do século XXI precisa-se de professores preparados à altura das transformações sociais e dos avanços científicos. Urge a necessidade de centrar a atenção no modo como se forma o professor.

Outro teórico da educação, digno de nota, que novamente toma-se como base é António Nóvoa (2022, p. 62), que expressa: “Não é possível aprender a profissão docente sem a presença, o apoio e a colaboração dos outros professores”. É necessário pensar em um novo ambiente para a formação de professores. Nóvoa (2022) propõem a importância de uma interação entre professores, universidades e escolas, neste envolvimento se encontram as potencialidades que serão essenciais na transformação da formação docente. Este educador, em seu livro *Escolas e professores: proteger, transformar, valorizar*, com a colaboração de Yara Alvim, apresenta três momentos, nos quais deve-se formar o profissional docente: a formação inicial, a indução profissional e a formação continuada.

Primeiramente, é importante pensar sobre a formação inicial, um contato comum entre os formandos e os profissionais docentes. Propõem a criação de uma espécie de casa comum para formar professores. Esse lugar deve ser dentro das universidades e que estejam estreitamente ligadas as escolas.

É tão importante a existência, nas universidades, de uma casa comum da formação e da profissão, isto é, de um lugar de encontro entre os professores universitários que se dedicam a formação docente e os professores de rede. [...]. Nesta casa comum faz-se a formação de professores ao mesmo tempo que se produz e se valoriza a profissão docente (Nóvoa, 2022, p. 65).

Trata-se de um terceiro lugar, um espaço de articulação entre os futuros docentes, os próprios docentes, a escola e a sociedade. Um esforço cooperativo na formação dos novos mestres. Esta colaboração é deveras essencial, quando as decisões e iniciativas são tomadas em conjunto, elas ganham força e vivacidade.

Em segundo lugar, o acompanhamento dos primeiros anos de profissão. Sabedores de que a formação é permanente na vida de um educador, a convivência com os docentes formados prepara para os primeiros anos da profissão docente. Inserir os jovens professores vagarosamente no trabalho com o acompanhamento de um docente experiente, a essa experiência dá-se o nome de indução profissional. Como na medicina, seria uma espécie de “residência médica”, a inserção na vida docente.

Para esta missão de “pedagogo” dos novos professores, necessita-se que seja realizada pelos melhores docentes. A ideia é instaurar, processos coletivos de docência, a consciência prática do novo professor será formada com base no trabalho em equipe. “Esta nova construção pedagógica precisa de professores empenhados num trabalho em equipe e numa reflexão conjunta” (Nóvoa, 2022, p. 67).

Construir uma comunidade formativa que articulará a universidade com a escola e a sociedade. Assim, os novos docentes irão, aos poucos, formando-se nesse ambiente de relações e crescimento humano. “A missão deste lugar, desta casa comum da formação e da profissão, não se esgota na formação inicial e deve dar origem a novas políticas de inserção na vida profissional e a um novo desenho da formação continuada dos professores, tendo como base uma reflexão coletiva, partilhada” (Nóvoa, 2022, p. 81). A educação é um espaço coletivo, esse ambiente deve respirar ajuda mútua, solidariedade e cooperação.

A formação docente se faz no chão do trabalho pedagógico através da pesquisa, das reflexões, das publicações. “Possam trabalhar em conjunto um lugar onde se valorize o trabalho de formação num compromisso com a escola pública, com a pesquisa sobre o ensino e com a ação pública em educação” (Nóvoa, 2022, p. 87). Estas são ótimas iniciativas que ajudarão a qualificar e revalorizar a profissão docente.

Por fim, a consciência de que a formação continuada é para toda a vida. Esta formação continuada se dá no espaço da escola, nos espaços em comum, na troca de experiências, na convivência diária.

A formação continuada não deve dispensar nenhum contributo que venha de fora, sobretudo o apoio dos universitários e dos grupos de pesquisa, mas é no lugar da escola que ela se define, se enriquece e, assim, pode cumprir o seu papel no desenvolvimento profissional dos professores (Nóvoa, 2022, p. 68).

Essa ousadia é necessária para que se tenha profissionais atualizados e capazes de formar o humano atual. “A formação de professores é um espaço central na defesa da escola pública e da profissão docente” (Nóvoa, 2022, p. 88). Como vimos nas primeiras páginas desta reflexão, os problemas surgiram no decorrer da história, longos anos precisarão serem enfrentados com disciplina e determinação para renovar o espírito e o significado social da profissão professor.

A formação continuada deve estar presente na vida do professor desde o primeiro dia de sua atuação até o último instante de sua jornada como docente.

A importância da formação continuada, a busca de soluções técnicas que, juntamente com o aspecto tecnológico, contemplem o contexto da população, do meio ambiente, as necessidades da comunidade que será atingida diretamente pela solução técnica ou suas consequências, as condições culturais, políticas ou econômicas da sociedade, os princípios éticos na condução de sua atividade profissional e que estão presentes em toda decisão técnica que se toma” (Masetto, 2005, p. 83).

Tanto o aprendiz como o professor juntamente com a escola e a comunidade exercerão juntos a tarefa de ensinar e aprender. Cabe a cada um o protagonismo necessário para ser sujeito dessa educação cooperativa. O futuro democrático da educação depende do empenho de cada agente educacional.

O momento atual, requer calma e reflexão, para pensar a escola, universidade e comunidade educadora, envolvendo a sociedade como um todo em vista da educação. Nesse sentido, Lorenzon e Fávero (2023, p. 328) pontuam: “Se passa por um processo de crise e reconfiguração, seja na universidade, na docência universitária, nas práticas de ensino e no paradigma de formação de professores”. Todo momento de crise deve ser encarado como oportunidade de grandes transformações, na crise se movimenta e, em sua grande maioria, consegue-se sair melhor.

O tempo atual exige novas abordagens, tendo em mente que a cada nova forma, ou a cada mudança que se faz, gera-se indubitavelmente algum desconforto ou conflito, este desconforto é necessário para crescer. É crível pensar que: “O momento contemporâneo é propício para experimentar práticas inovadoras, bem como ressignificar tempos e espaços que até então estavam naturalizados” (Lorenzon; Fávero, 2023, p. 328).

É preciso entender a educação, a aula, a sala ampliada, como espaço de diálogo aberto e franco, o diálogo é o ponto de partida da educação.

Mas ações simples e aparentemente triviais, como o diálogo vivo baseado na abertura, no dizer e na escuta silenciosa ativa entre professor e aluno, podem tornar-se dispositivos pedagógicos importantes para a reinvenção democrática do exercício da autoridade, sendo também o principal antídoto contra o conservadorismo autoritário que toma conta da atual sociedade brasileira (Dalbosco, 2021, p. 33).

A autoridade do professor repensada no sentido de serviço ao educando e aqueles que compõe o campo educacional, um ouvir atento e disposto ao diálogo verdadeiro e comprometido representam qualidades possíveis do novo professor. Disso decorre a humildade intelectual, um professor humilde traz em seu caráter a capacidade de ouvir, respeitar e agir com sensatez e coragem.

O professor deve reinventar-se como um mediador, capacitado em várias dimensões. Neste sentido Claudio Dalbosco (2021, p. 160) sugere que se tenha:

ampla formação cultural refere-se à educação de todas as capacidades humanas, exigindo o cultivo de seus diferentes tipos de racionalidade. Além disso, a formação cultural é compreendida como um processo social e exige auto formação. Como se pode observar, na raiz da ideia de formação está a tensão entre o si mesmo e o outro, o indivíduo e a sociedade.

Em síntese, a educação pensada no sentido cooperativo, significa manter um inter-relacionamento em várias instâncias da grande área educacional. Os desafios são grandes, é preciso nuclear todas as forças em um esforço comum em defesa da educação. Esse processo não é repentino, necessita de articulação em todas as instituições da rede pública de educação, sejam elas políticas, culturais, sociais ou educacionais, o fato é que é necessário repensar a educação, a escola, a universidade e a formação do professor para renová-las.

Considerações finais

A escola, a universidade e a profissão professor, desde as suas origens estão imbricadas uma a outra. Neste interim histórico enfrentaram momentos de bonança, como também situações de dificuldades, cada época possui a sua particularidade. Entretanto, perpassando estes momentos, chega-se na terceira década do século XXI com desafios novos, e diante destes urge suscitar novas maneiras, renovadas formas para metamorfosear a grande área Educação.

A educação formal de modo geral, não deixa mais espaço para a centralidade tutorial do professor, a classe dos trabalhadores da educação precisa entender-se no tempo e encarar a escola com todas as novidades e desafios presentes. Os sujeitos da educação necessitam ousar na arquitetura que gere a categoria educação.

Parafraseando Rancère (2007), o excesso de ensino é muito prejudicial a aprendizagem, e mesmo que o sistema educacional acredite e exija do professor explicação, transmissão de conhecimento, aos poucos é possível ir cedendo espaço para a maioria e a emancipação dos educandos, para que a sociedade do presente possa entender a profissão do professor, e revalorizá-la na sua grandeza histórica. Nesse caminho é possível pensar a metamorfose, mudança de forma e maneira de compreender a educação e seus agentes.

Repensar e renovar os espaços educativos é uma urgência primordial. Para isso, o diálogo inter-geracional deve ganhar relevância, pois “A experiência dos mais velhos e das gerações passadas pode ensinar-nos duplamente: a evitar os erros por eles cometidos e a ampliar nossos horizontes na medida em que soubermos nos apropriar criticamente de como buscaram tratar da questão formativo-educacional humana” (Dalbosco, 2021, p 34). A sala de aula não pode mais ser compreendida entre quatro paredes, mesas, cadeiras e um quadro negro. A sociedade e o humano mudaram, assim, a renovação deve ser constante.

Portanto, a renovação da formação do futuro professor, é uma ideia necessária. Este sujeito chamado professor, ninguém o substitui, ele é mais do que nunca imprescindível. Estamos a falar e refletir sobre gente, seres humanos em construção, formar um humano não é possível sem outro humano, eis aí a relevância da profissão professor. Por isso, pensar em novos ambientes, de forma diferente e inovadora, com experiências comprometidas com a sociedade e o bem comum fará com que se tenha uma nova sociedade, uma nova escola e uma renovada universidade com professores autênticos, realizados e vibrantes no ato de educar. Pois, “sem educação o ser humano viveria apenas em seu estado de rudeza” (Dalbosco, 2021, p. 31).

Referências

AZEVEDO, Rodrigo. A história da Educação no Brasil: uma longa jornada rumo à universalização. *Gazeta do Povo*, 11 mar. 2018. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/a-historia-da-educacao-no-brasil-uma-longa-jornada-rumo-a-universalizacao-84npcihyra8yzs2j8nnqn8d91/>. Acesso em: 12 ago. 2023.

CANÁRIO, Rui. *A escola tem futuro? Das promessas às incertezas*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DALBOSCO, C. A. *Educação e condição humana na sociedade atual: formação humana, formas de reconhecimento e intersubjetividade de grupo*. Curitiba: Appris, 2021.

FRANCA, Leonel. *O método pedagógico dos jesuítas: o "Ratio Studiorum"*. Rio de Janeiro: Agir, 1952.

KANT, I. *Textos seletos*. Introd. Emmanuel Carneiro Leão. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

LORENZON, M.; FÁVERO, A. A. Pedagogia universitária e formação de professores: alguns pontos para reflexão. *Revista Signos*, Lajeado, ano 44, n. 1, p. 316-338, 2023.

MASETTO, M. T. Docência universitária: repensando a aula. In: TEODORO, A.; VASCONCELOS, M. L. (org.). *Ensinar e aprender no ensino superior: por uma epistemologia da curiosidade na formação universitária*. 2. ed. São Paulo: Ed. Mackenzie: Cortez, 2005. p. 79-108.

NIDELCOFF, M. T. *Ciências sociais na escola: para alunos de 12 a 16 anos*. Trad. Débora Jimenez. São Paulo: Brasiliense, 2004.

NÓVOA, A. *Escolas e professores: proteger, transformar, valorizar*. Colaboração de Yara Alvim. Salvador: SEC/IAT, 2022.

PAIVA, Y. M. S.; SPONCHIADO, D. A. M. A docência universitária: um fenômeno complexo. *Perspectiva*, Erechim, v. 35, n. 132, p. 171-181, 2011.

RANCIÈRE, J. *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

VARELA, J.; ALVAREZ-URIA, F. A maquinaria escolar. *Teoria & Educação*, São Paulo, n. 6, p.68-96, 1992.